

O Calcanhar de Aquiles

Onde se fala de Swift,

Pessoa e não só...



Escrever a data de 30 de Novembro de 1985 e não citar Fernando Pessoa seria certamente um sacrilégio que não cometemos. Cinquenta anos passaram sobre aquele estranho dia em que uma cólica hepática vitimou de uma vezada ele e, com ele, vários poetas nele mesmo.



GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS

II

Escrever hoje, dia 29 de Novembro de 1985, e não citar Fernando Pessoa seria certamente um sacrilégio, que não cometemos. Cinquenta anos passaram sobre aquele estranho

dia 30 em que uma cólica hepática vitimou de uma vezada vários poetas: um mestre, Alberto Caeiro; pelo menos dois discípulos, Álvaro de Campos e Ricardo Reis; e um obscuro correspondente de línguas estrangeiras, morador a Campo de Ourique, autor de um só livro publicado e de múltipla colaboração avulsa... Outros morreram também nesse dia, mas no momento pouca atenção foi dada a esse massacre. Vestígios deixados? Inúmeros. Uma pa-
peleta, escrita a lápis, diz apenas: *I know not what tomorrow will bring*. A herança foi uma arca — mas não vulgar de Lineu, pois era tão-só inesgotável de ideias e palavras. Há cinquenta anos poucos lhe deram importância — hoje quase todos anseiam por tirar de lá penas de pavão para chapéus desengraçados. Mas quem foi ele? A interrogação ainda persiste hoje e as respostas confundem-se com as tais penas de pavão que alguns preferem usar, esquecendo-se de o entender. Corajosa e audaciosamente, Eduardo Lourenço (ele sempre quis entender, como Mário Botas, a quem significativamente dedica o seu último ensaio) diz talvez o *quantum satis*: «Ninguém como Pessoa, que nos chegava de longe, sonhando-se e sonhando-nos, viveu o seu encontro com Portugal com tanta exaltação e ao mesmo tempo com tanta consciência da imobilidade e do marasmo de nossa existência colectiva.»

DIÁRIO DE NOTÍCIAS
29/11/1985

A heteronímia: seriedade e mistificação

Por ARNALDO SARAIVA

Se, no que respeita à génese e significação heteronímica, a posteridade se encarregou de propor teses muito diversas da etnocultural de Mário Sá — que explicou a heteronímia pela herança cultural judia de Pessoa —, já no que respeita à importância heteronímica há ou tem havido um grande consenso, o que é visível desde logo no facto de, como lembrou Eduardo Lourenço, se ter desprezado bastante o pré-Pessoa e no facto de quase todos os estudiosos pessoanos se terem debruçado especialmente sobre o fenómeno da heteronímia. No seu esboço de uma bibliografia, José Blanco refere 65 textos que incidem sobre a heteronímia.

E a verdade é que Pessoa seria ainda hoje bem menos conhecido ou apreciado se não tivesse produzido o que chamo «romance heteronímico», ou seja, tivesse deixado apenas as produções dos heterónimos sem os heterónimos. E há quem defenda que deveria ter feito isso, e quem considere por outro lado que, mais do que uma ficção, o «romance heteronímico» é uma mistificação, um puro artifício.

Foi esta, por exemplo, a opinião de Mário Suplemento, que escreveu: «Esclarecido o significado que a heteronímia tem na sua obra, esqueçemo-la; passemos a considerá-la e a usar os nomes de Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis como meros títulos de obra — no género, por exemplo, do que deu o nome à lírica de João Mimi-mo, de Garrett...».

Outra não foi a opinião de José Régio e, nalguns momentos, de João Gaspar Simões, que chegou a declarar: «Fernando Pessoa não quis ser outra coisa senão isso mesmo: um mistificador... Lá do além de onde ele nos olha, a nossa atitude de investigadores sérios e conscienciosos do seu «drama em gente», deve constituir para ele o mais estúpido motivo de chofa. Caimos na armadilha. Fomos realmente burlados, como foram burlados os seus amigos para quem ele preparou, de peito feito, a grande «palhaçada» dos seus heterónimos.»

E o certo é que seríamos tentados a admitir a «grande palhaçada» dos heterónimos pessoanos, quando nos damos conta das contradições de algumas das páginas do «romance heteronímico», de incongruências das datas, de ficções ou pretivas da produção heteronímica, de oscilações nas designações do não-ortónimo, da quantidade de outros nomes — cerca de três dezenas — que assumiu Pessoa, e talvez até de algum silêncio, de alguma vontade de mistificação.

No que se refere às contradições, basta dizer que o di-

«minhamente alheias», «personagens» (com o matiz «fictícias»), «personalidades», «autor», «executor», «fantasma», «amigo» e até «filho» possivelmente com ironia. Aliás, devemos notar que a primeira vez que Pessoa distingue publicamente entre pseudónimo e heterónimo é só em 1928, numa nota da *Presença*. Em 1915, por exemplo, em carta a Armando Cortês Rodrigues, que chamava «irmão em pseudo», falava do seu propósito de publicar «pseudonimamente» a obra Caeiro Reis-Campos.

No que se refere aos nomes próprios clara ou aparentemente heterónimos, eles parecem por vezes arbitrários ou gratuitos — como são também os antropónimos, como regra — não se vendo por detrás deles nenhum sentido para lá do identificação, aliás duvidosa ou equívoca em muitos casos.

Alguns heterónimos parecem consistentes na biografia, embora reduzida a dados essenciais, ou pelo menos numerosa que eles e atribuída, caso dos três grandes Caeiro, Campos, Reis, outros são quase puros nomes, ainda quando o nome próprio se cruza com o comum Jean Seül. Alguns nasceram na infância de Pessoa (Chevalier de Vas), outros na maturidade. Alguns são dados como heterónimos, outros como semi-heterónimos (Bernardo Soares), ou nem uma coisa nem outra. Alguns estão vinculados à produção literária, outros a outras actividades não propriamente literárias, como o chadismo, aliás chadismo ou as palavras cruzadas (A. A. Crosse). Alguns distinguem-se mais ou menos claramente na biografia e no estilo, outros — ou os primeiros nalguns momentos — confundem-se, ou confundem-se e se-

param-se (Vicente Guedes, Barão de Teive, Bernardo Soares). Alguns entraram já na história da Literatura pois deixaram obra que valha; outros aguardam a sua vez, se é que ela chegará: Alexander Search, Charles Search, António Mora, Frederico Reis, Raphael Baldaia, Charles Robert Anon, Thomas Crosse, A. A. Crosse, Abílio Quaresma, David Merrick...

Finalmente, no que respeita aos silêncios intencionais ou à vaidade implícita, lembremos o que escreveu George Rudolf Lind: não nos repugnaria concluir que o poeta manhoso se decidiria, em 1935, a cultivar conscientemente a sua própria lenda, apresentando-se aos amigos como pai involuntário de três personagens poéticas e ocultando, propositadamente, todas as considerações de ordem teórica e programática que haviam precedido o nascimento delas.

Mas todas as objecções à seriedade da aventura heteronímica pessoana podem ser respondidas — ou podem ser esclarecidas — tendo em conta:

- 1 — A dificuldade de teorizar ou de exprimir pela primeira vez um fenómeno complexo, ainda que, curiosamente, mais comum do que parece.
- 2 — O inevitável cruzamento e contaminação da verdade e da ficção, ou da mentira, no «romance heteronímico».
- 3 — As contradições inerentes a qualquer «sistema» que pretenda explicar a totalidade humana, contradições que o «romance heteronímico» pretende justamente figurar e pôr em jogo tenso, de onde saia alguma luminosa unidade ou harmonia. Não se esqueça o que de alguma produção sua disse Caeiro: que ela concorda com o que não concorda.

JORNAL DE NOTÍCIAS
30/11/1985

